



Osmar Bustos

Adelino Ângelo

Mestre Adelino Ângelo, Universalista

Guido Arturo Palomba

Eis novamente em São Paulo o grande Mestre Adelino Ângelo (português de nascimento, reside no Porto), o gênio da pintura contemporânea, a prestigiar as posses das diretorias da Associação Médica Brasileira (AMB) e da Associação Paulista de Medicina (APM).

Aqui estive em 2008, quando promoveu maravilhosa exposição, a inaugurar a Pinacoteca da APM, com cerca de cem telas vindas de Portugal.

Os que conhecem a obra do Mestre sabemos que sua grande paixão é pintar figuras da miséria, andrajosos, esmoleres, desvalidos da razão: são Cristos vivos do século

XXI, seres anônimos que não estão pregados à cruz sacrossanta, mas às encruzilhadas da vida que os esconjurou. Seus rostos escavados pelas agruras cotidianas e seus físicos definidos pelas necessidades de todo o gênero, ao serem transportados às telas, ganham os céus, pois tornam-se venerados pelos admiradores boquiabertos.

Como Sigmund Freud, pai da Psicanálise, que fez da desgraça da alma um monumento escrito da psicologia, Adelino Ângelo, filho do Impressionismo Universal, faz da miséria humana maravilhosas obras de arte. Freud adentrou o psiquismo e, preenche de mitologia grega, criou os seus



Mãe Cigana, 1971, óleo sobre tela, 51 x 41 cm
Adelino Ângelo (Portugal, Vieira do Minho)
Coleção: Associação Paulista de Medicina

Édipos, tal como Adelino Ângelo, prenhe do mundo, mostra-nos criaturas desconhecidas, mas repletas de significados psicológicos.

O que Freud descreveu dos recônditos mentais, Adelino Ângelo expressa com tela e tinta!

Nato em Portugal, não é, todavia, pintor português, mas do mundo: não é nacionalista, mas universalista. Sua obra abrange vasta gama temática, a deitar raízes na vida cigana, na loucura, nos Cristos desta época, nos nômades, nas paisagens, lembrando, de caminho, que Mestre Adelino Ângelo é um dos mais importantes retratistas contemporâneos.

Eminentemente impressionista, vale a pena recordar que se trata de exímio desenhista, que nos confidenciou: “o mais importante sempre foi o desenho, pois somente assim é que se faz obra didática, pedagógica e científica”.

Há quem diga, e com justas razões, que estamos nos avindos com gema preciosa do mesmo quilate de El Greco, de Goya, de Caravaggio. Sim. Porém, Adelino Ângelo tem o privilégio de dominar a luz que somente Sorolla e Bastida conseguiu e de usar da cor intuitivamente, como poucos até hoje o fizeram, para atingir excepcional grau de profundidade emotiva. Sua obra (são quase cinco mil trabalhos espalhados pelo mundo), não temos dúvida em afirmar, ficará para todo o sempre, como patrimônio da humanidade.

Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

*Artigo em homenagem à Senhora Lá-Salett Magalhães,
esposa dedicada do Mestre Adelino Ângelo*

A Escola Paulista de Medicina (EPM) voltou

Jorge Michalany



Primeira sede da Escola Paulista de Medicina



A EPM foi fundada em 1933 como escola particular, e sua grandeza se deveu mais aos professores e médicos por ela formados do que à majestade do edifício sede. Esse edifício aqui representado na imagem acima, foi sua 1ª sede, situado na Rua Coronel Oscar Porto, por coincidência na mesma rua em que resido até hoje.

Ela foi fundada porque, durante a Revolução Paulista Constitucionalista, havia falta de médicos para atender aos soldados e voluntários do conflito. Naquela ocasião, só existia, com um número pequeno de vagas, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje Faculdade de Medicina da USP. Devido ao desejo de muitos estudantes quererem seguir medicina, a única maneira era ir para Curitiba, Rio de Janeiro ou Salvador, onde existiam faculdades na área médica.

A EPM, por sua eficiência, devida a dedicação dos professores e dos alunos, suplantou a fama de Faculdade Ofi-

cial, porque tinha um excelente professor de Anatomia Patológica, Walter Büngeler, e também por já possuir seu próprio hospital de clínicas; ao passo que a Faculdade de Pinheiros usava a Santa Casa de São Paulo para os cursos de clínica. Essa diferença resultou em comentários desagradáveis por alguns docentes e alunos de Pinheiros, alcunhando a EPM de “escolinha”.

Em 1954, a EPM, por falta de verbas, precisou ser federalizada e, só em 1994, passou a fazer parte da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Nas fotos acima, estão o edifício da 1ª sede da EPM e o seu brasão, não mais com a sigla da Unifesp, que fora colocada por ocasião da mudança. Mas diante de muitos protestos e notadamente do Autor, voltou a ser chamada Escola Paulista de Medicina.

Jorge Michalany

Curador do Museu da APM

Espiritismo, hipnotismo e acupuntura

Jenner Cruz

Meu primeiro contato com o espiritismo foi na infância. Não me lembro com que idade escutei uma conversa de minha mãe sobre seu pai, meu avô, dizendo que ele fora espírita, mas que, em idade avançada, voltara a acreditar no cristianismo. O meu avô tinha um pequeno escritório na casa dele com uma boa biblioteca. Nela, havia alguns livros de Lombroso que eu nunca li.

Cesare Lombroso nasceu em Verona, em 6 de novembro de 1835, e desencarnou em 19 de outubro de 1909, em Turim, como dizem os seus discípulos. Converteu-se ao espiritismo depois de participar das experiências da famosa médium Eusábia Paladino, quando assistiu à materialização do espírito de sua mãe. A partir dessa data, não teve dúvidas da sobrevivência e da comunicabilidade dos espíritos.

Ele foi também um grande médico criminalista, escritor e filósofo. Como psiquiatra, propôs que certos criminosos possuem evidências físicas atávicas. Essas anomalias, denominadas estigmas, eram expressas no crânio, na mandíbula, na simetria da face e em outras partes do corpo. Porém, tais teorias depois foram consideradas inconsistentes e inexistentes.

Homem profundamente honesto, defendeu a veracidade do espiritismo até sua morte.

Na infância, um tio paterno, que era dentista, mudara-se para Mogi das Cruzes, onde morávamos. A partir dessa data, passamos a tratar com ele nossos problemas dentários. Um dia, minha mãe, voltando de uma consulta, relatou um fato que muito a impressionou. Ela estava na cadeira de dentista e tinha um amigo do meu tio no consultório. Eles conversavam enquanto ela era tratada. Ela não sabia que ambos eram espíritos e que estavam comentando a última reunião que tiveram. Falaram que o “pretinho” não executara bem o seu papel. Ela ficou sabendo também que um jovem, de cor negra, entrava na penumbra e fazia com que muitas “mágicas” parecessem obras espíritas. Com isso, eles tiveram que acalmar a minha mãe dizendo que, às vezes, os fenômenos espíritas são demorados e há a necessidade de um impulso para apressá-los, com o fim de convencerem os presentes mais incrédulos.

Durante o curso médico, minha futura esposa e eu fomos convidados para uma festa de aniversário na casa de uma

colega. Após algum tempo, para tornar o encontro mais animado, essa colega falou aos presentes:

— Vamos levantar uma mesa?!

Parece que ela e seu irmão já tinham feito aquilo antes. Escolheram uma mesa grande, para abrigar todos os presentes, menos o irmão. Ficamos ao redor desse móvel, com as mãos abertas sobre ele, unidas duas a duas. A sala foi parcialmente escurecida, e ficamos pensando em conseguir levantar a mesa. Em pouco menos de cinco minutos, essa mesa levantou, para nossa incredulidade. Após algum tempo, minha colega mandou seu irmão subir na mesa e pular sobre ela, que nem tremeu. Quando retiramos as mãos, o móvel voltou para o lugar. Fizemos uma contraprova: levantamos a mesa segurando por baixo de sua borda. Ela era pesada. O irmão subiu e pulou novamente, a mesa tremeu e tivemos dificuldade em aguentar seus pulos.

Recentemente, numa das reuniões anuais de nossa turma, perguntamos para nossa colega se ela havia levantado a mesa outras vezes, ela disse que não, porque sua mãe, assustada, proibira que o fizesse.

Ficamos sabendo, depois, o que pode fazer a força do pensamento, porque não acreditamos que foram espíritos, não convocados, que fizeram a façanha.

Porém, meu contato com o espiritismo não foi apenas negativo. Quando era médico chefe da Superintendência de Água e Esgotos da Capital, coordenei o grande trabalho dos assistentes sociais da Seção, internando dependentes alcoólatras em um hospital mantido pelos espíritas, bem como tomei conhecimento de grandes obras sociais que eram feitas em Mogi das Cruzes, pela entidade espírita Cáritas.

Meu contato com o hipnotismo também começou na infância. Minha mãe contou várias vezes que uma irmã, que falecera cedo e não cheguei a conhecer, era hipnotizada pelo médico, inclusive durante um telefonema.

Nas aulas de Psiquiatria, do 6º ano do curso médico, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tínhamos aulas magistrais do Prof. Dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva. Uma, que muito impressionou todos colegas presentes e que foi assistida pelo saudoso Superintendente do Hospital das Clínicas, Dr. Enéas Carvalho de Aguiar, foi sobre hipnotismo. Nela, foi apresentado um paciente

portador de uma paralisia psicossomática de um braço, denominada sinistrose ou indenizofilia. Com o paciente hipnotizado, a paralisia desaparecia e o braço movia-se normalmente. O professor demonstrou também que, quando uma pessoa está hipnotizada, ela não sangra: espetado com uma agulha, não saiu nenhuma gota de sangue.

Esse fato foi importante para entender o que iremos relatar.

Após a queda do muro de Berlim, alguns médicos do Hospital das Clínicas fizeram uma excursão a alguns países da Europa, passando pela Rússia e terminando na China, na Ásia. Entre eles, estava um médico diabético, insulino-dependente, que, por precaução, havia levado vários frascos de insulina. Naquela época, não havia ampolas descartáveis. As injeções eram feitas com a mesma seringa e, quase sempre, com a mesma agulha, fervidas previamente. Utilizava-se uma pequena caixa metálica, onde havia um suporte removível, em que se guardavam a seringa e as agulhas. Estas, misturadas com água, ficavam na tampa maior, e o suporte e o álcool ficavam na tampa menor da caixa metálica. Acendia-se o álcool e fervia-se a água por uns minutos, e, quando não era uma pessoa de casa, o tempo de fervura era de 30 minutos.

Quando chegaram na Rússia, o álcool havia acabado, e não havia álcool à venda. Procurando as autoridades russas, souberam que poderiam fornecer 200 ml de álcool, mas a burocracia para essa autorização duraria alguns dias. Felizmente, um dos colegas “salvou a Pátria”. A vodka russa, de venda livre, queimava como o álcool. Não gostaram da Rússia, mas, sim, e muito, da China, chegaram a ser recebidos pelo próprio Mao Tse Tung!

A revista *Seleções*, do *Reader's Digest*, publicou, tempos atrás, sobre uma visita semelhante de médicos americanos à China, também muito bem recebidos. Um deles, especialista famoso em cirurgia de cabeça e de pescoço, foi convidado por um colega chinês para assistir a uma cirurgia da tireoide. Na sala, já anestesiados e paramentados, viram o paciente chegar andando, com o habitual camisolão, cumprimentar efusivamente os cirurgiões com repetidas inclinações da cabeça e deitar na mesa cirúrgica. Enquanto um assistente fazia a assepsia e preparava o campo operatório, o médico chinês abriu uma caixa e tirou várias agulhas de acupuntura. Estas foram aplicadas em pontos especiais, explicados minuciosamente. A cirurgia foi muito bem conduzida, sendo que o paciente ficou acordado e imóvel durante todo o procedimento. No final, as agulhas foram retiradas, o paciente levantou-se, fez novas e repetidas medidas e se retirou andando.

O médico americano ficou muito impressionado e, no mesmo dia, recebeu uma caixa de agulhas metálicas para acupuntura, de ótimo metal; não me recordo se eram de prata.

Chegando aos Estados Unidos, conseguiu convencer um paciente a fazer cirurgia semelhante. Até colocar as agulhas, no mesmo local que aprendera, foi tudo bem, mas, no primeiro corte, o paciente reclamou, e a operação foi concluída com o auxílio de um anestesista, que já estava presente, de plantão. A conclusão desse médico foi que o paciente chinês fora hipnotizado pelo cerimonial, porque não sangrara durante o ato cirúrgico, apesar de ter ocorrido pouquíssima hemostasia e ser um tipo de cirurgia famosa pela perda sanguínea.

A hipnose é um estado mental semelhante ao sono, provocado artificialmente, no qual o indivíduo continua capaz de obedecer às sugestões feitas pelo hipnotizador. O tratamento pela hipnose começou com os antigos gregos e egípcios, mas sua prática passou a ser proibida pelas religiões judaica, cristã, islâmica e outras, ficando adormecida até que o médico austríaco, Franz Mesmer (1734-1815), formado pela Universidade de Viena, em 1766, ressuscitou-a.

Ele é considerado o primeiro indivíduo a estudar cientificamente o fenômeno da hipnose e o seu uso em várias doenças, principalmente, nervosas ou psicológicas. Mesmer acreditava que o corpo humano possui um fluído magnético que produz saúde e bem-estar. Vários seguiram as suas teorias, como Benjamin Franklin, Antoine-Laurent Lavoisier e Jacques Guillotin. James Braid, que criou o termo hipnotismo, do grego: *hipnos* = sono, foi um de seus seguidores. Braid e James Esdaile descobriram que a hipnose produzia anestesia, passando a ser utilizada em diferentes cirurgias. Em meados de 1900, com a descoberta dos anestésicos, essa prática começou a ser abandonada.

Em 1955, a Associação Médica Britânica aprovou a hipnoterapia como uma forma válida de tratamento médico, e, em 1958, a AMA — Associação Médica Americana — fez o mesmo.

Acredito um pouco na frase: o câncer é doença da tristeza e tendo a crer, como Mesmer, que o otimismo e a alegria geram *um fluído magnético que produz saúde e bem-estar*.

Concluindo, direi que não acredito na presença de espíritos nem na reencarnação, mas admiro as obras sociais que fazem. Penso que ainda estamos engatinhando no estudo e no aproveitamento de nossa força mental. Não acredito na eficácia da acupuntura, nunca tomei conhecimento de um paciente em que o tratamento com acupuntura fosse superior à fisioterapia e aos anti-inflamatórios.

Jenner Cruz

*Membro da Academia de Medicina de São Paulo
e Ex-professor Titular de Nefrologia da
Universidade de Mogi das Cruzes*

Valores primeiro, interesses depois

Nelson Guimarães Proença

Cabe-me, de início, agradecer ao Acadêmico Gabriel Kwak a lembrança de meu nome para compor o quadro desta Academia. Estendendo esse agradecimento, desde logo, a todos aqueles que, generosamente, acolheram a sugestão e sufragaram meu nome. A partir de hoje, acumulo mais esta responsabilidade, a de bem representar a Academia de Letras de Campos do Jordão.

Para mim, está claro que só posso desempenhar a contento tal responsabilidade se bem compreender qual o significado mais profundo, qual o cerne, da Academia. E é exatamente para melhor compreender o significado que deve ter, para mim, esta investidura que vou pedir licença para dar asas à imaginação, abrindo, um tanto mais, o horizonte de nosso pensamento. Convido os presentes a que me acompanhem em um pequeno voo, na busca da essência de nosso objetivo comum.

Para estabelecer um parâmetro que nos sirva para fazer uma comparação, convido todos a refletirem, por um momento, sobre o instante em que surge uma Nação.

Como pensam, como agem, os fundadores de uma Nação?

Quando pessoas se reúnem com esse objetivo, buscando criar consenso sobre os fundamentos que irão alicerçar a Nação, necessariamente terão de decidir por uma entre duas alternativas. Ou se agrupam em torno de valores, ou se agrupam em torno de interesses comuns. Destaque-se que valores são permanentes; interesses são transitórios. Ao decidir sobre o texto legal que vai ser adotado — no caso, a Constituição —, essa alternativa se torna evidente. Caso

ela tenha por base valores que são compartilhados, seu texto será enxuto e duradouro. Caso represente apenas uma tentativa de conciliar variados interesses — materiais — que existem na Sociedade, ela será prolixa e transitória.

Aí está: valores são permanentes. Vejam-se, por exemplo, os valores representados pelos Mandamentos da Lei de Deus, ditados a Moisés. Atravessaram os milênios e continuam, até hoje, alicerçando a conduta da civilização judaico-cristã. Já os interesses — ora os interesses — são absolutamente transitórios. Em curto tempo, o que ontem era, hoje deixa de ser. Novos interesses tornam superado o acordo anteriormente feito e que estava expresso na Constituição adotada. Conclusão: um País, fundamentado apenas na conciliação de interesses, vive em crise permanente, sendo obrigado a rever sua Constituição em períodos historicamente muito curtos. É isso exatamente o que acontece no Brasil! Claro que é, pois, em pouco mais de um século, já tivemos cinco diferentes Constituições! E um ex-Presidente tem insistido na necessidade de adotarmos uma nova Constituição, que reflita melhor os atuais interesses em jogo, pois a de 1988 já está ultrapassada!

Ao adotar essa linha de pensamento, passo a refletir sobre minha participação, ao lado de meus pares, nesta Academia de Letras. Estamos aqui reunidos em torno de valores permanentes. Valores ligados à cultura de nosso povo, de nosso País. E, como parte dessa cultura — e isso me parece essencial —, incentivar o bom uso de nossa língua. Não é demasiado acentuar que nos cabe contribuir,



Disponível em: <<http://academiadeletrasdecamposdojordao.blogspot.com>>.

de modo efetivo, para que seja preservada. E, para bem desempenhar essa missão, é mister reconhecer que temos pela frente um grande desafio.

Trata-se da submissão de grande parte de nossa juventude ao poder da mídia, sobretudo da Internet e da televisão. Não cabe discutir a importância da universalização das comunicações. É fato irreversível. Mas há de se reconhecer que está surgindo uma universalização “pasteurizada” da cultura, como foi muito bem destacado por Luis Fernando Veríssimo, em crônica publicada no jornal O Estado de S. Paulo (em 29/9/2011): “estamos servindo a uma república transnacional da banalidade”.

Não é bom que ocorra a perda do hábito da boa leitura, tornando hoje pouco conhecidos escritores que honram a literatura nacional. A perda desse hábito leva como consequência — em termos de brasilidade — a aculturação da juventude, tornando-a desconhecadora daquilo que é nosso e que deve ser preservado.

E o que temos de preservar são valores. Acima de tudo, valores!

Julgo que uma das principais tarefas da Academia é exatamente esta: estimular o interesse dos jovens por nossa língua e por nossas tradições culturais. Vamos concordar

com eles que é importante acolher o novo e desenvolver aptidões para utilizar essas novas e extraordinárias ferramentas de trabalho, mas vamos, também, dar ênfase ao mérito do patrimônio cultural de nossa gente.

Assumo hoje a Cadeira de número 27, que tem como patrono o inesquecível sanitarista Emílio Ribas e, como sucessores, as importantes figuras de Paulo da Silveira Santos e Israel Dias Novais. Espero que possa estar à altura de tão ilustres antecessores.

Nelson Guimarães Proença

Membro da Academia de Medicina de São Paulo e
da Academia de Letras de Campos do Jordão

O Zé do Pito

Janice Caron Nazareth

Conheci-o, quando residente interna no hospital da faculdade, internado por *barriga d'água*.

Com oito anos, veio da Bahia para se tratar em São Paulo, no grupo de Pediatria, assim como tantos pacientes sem recurso vinham.

Na faculdade, tínhamos discussões de casos memoráveis, com professores queridos que nos deixaram seus ensinamentos para sempre, dada a consistência do raciocínio clínico. Levávamos em conta os sintomas, a hereditariedade, o ambiente e, nesse caso, o garoto vinha da Bahia, convivendo em “lagoas de coceira”, as tais que eram contaminadas pelos caramujos que inseriam os esquistossomas pela pele, através de ferimentos que coçavam.

A primeira e brilhante hipótese era de que o guri tivesse sido, assim, contaminado, desenvolvendo a *esquistossomose*, que cursa com aumento de fígado, baço e ascite (*barriga d'água*).

Um fato, porém, nos chamou a atenção: naquela época, horrível por sinal, em que se podia fumar nas dependências do hospital, havia tocos de cigarro nos lixos e até no chão. Pois não é que se flagrou o menino, por diversas vezes, pegando as pitucas para chupar? Daí o apelido *Zé do Pito*.

Como se não bastasse, também percebemos que o interno perseguia e pegava todo algodão usado para injeções ou limpeza e, ainda, os chupava sofregamente. Em visita da mãe, perguntei-lhe se o menino bebia álcool: “Muntias vezes, dotora. Ó xenti, cumo é qui si para de chora um minino quando tá cum fomi? É cum cachaça na mamadeira, arri égua”.

Foi então que nosso brilhante raciocínio foi mudado e, antes de lhe dar drogas para esquistossomose, programou-se uma biópsia de fígado, que fui acompanhar. Naquela época, não se anestesiava nesses procedimentos, e as agulhas eram bem mais rudimentares.

Ao chegar o colega com a agulha, bem grande por sinal, Zé do Pito, com todo seu senso de humor, apesar de uma vida tão miserável, disse: “Putá aguião, tio!”. Frase essa da qual sempre me lembro quando vejo uma agulha de espessura mais grossa.

E veio a confirmação, Zé do Pito tinha cirrose alcoólica. Ficamos todos cabisbaixos, pois, como tal, era intratável, sem medicamentos ou solução cirúrgica (foi muito anterior à época dos transplantes).

O paciente ficou muito amigo nosso: sempre alegre, adorava carrinhos, caminhõezinhos e bichinhos de plástico que lhe levávamos. Também adorava um jogo de damas ou de ludo.

Nossa amizade crescia, enquanto suas forças se esvaíam com a progressão da doença. Morreu como um bebê, esperando sua mamadeira de *caninha*, que nunca tomou no hospital.

Janice Caron Nazareth

Médica cardiologista e coordenadora do Hospital Alemão Oswaldo Cruz

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador); Nílceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.